EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA A LUZ DA OBRA DE PAULO FREIRE

VALÉRIA MUNIZ VIEIRA

RESUMO
A injustiça e a tirania foram processos que existiam por muitos anos, deixando sequelas no homem brasileiro. Na verdade, elas ainda existem. A tirania cedeu lugar para a "democracia", cujo processo ainda é recente e muito mal-entendido pela sociedade. E a injustiça nunca deixou de existir, está presente em nosso dia a dia, fazendo cada vez mais vítimas. Com a globalização, a sociedade atual fez com que o separatismo social, os desrespeitos às diferenças passassem a ser mais "camuflados". Já que o ser humano tem, muitas vezes, a necessidade de mostrar-se solidário e compreensivo, mas não se conscientiza, de fato, da dimensão da questão. E segundo CANEM (2005, p. 174), deve haver um, "(...) intenso debate em torno da necessidade de reconhecimento das múltiplas etnias, culturas, preferências sexuais, linguagens e outros determinantes presentes nas sociedades contemporâneas (...)". Pois quanto mais essas questões forem ignoradas, "camufladas" mais o problema se agravará, podendo chegar a um estágio que se tornará difícil reverte-lo. Por conta disso, o desafio de uma Educação Libertária se faz urgentemente necessária e se colocar como caminho viável de transformação. Isso se torna possível a partir da compreensão e da justiça como fonte para a mudança, que visa uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Tirania; Democracia; Justiça Social; Educação Libertária;

ABSTRACT
Injustice and tyranny were processes that existed for many years, leaving consequences for Brazilian men. In fact, they still exist. Tyranny gave way to "democracy", the process of which is still recent and very poorly understood by society. And injustice has never ceased to exist, it is present in our daily lives, claiming more and more victims. With globalization, today's society has made social separatism and disrespect for differences become more "camouflaged". Since human beings often have the need to show solidarity and understanding, but are not actually aware of the dimension of the issue. And according to CANEM (2005, p. 174), there must be a, "(...) intense debate around the need to recognize the multiple ethnicities, cultures, sexual preferences, languages and other determinants present in contemporary societies (...)". The more these issues are ignored, "camouflaged", the more the problem will worsen, reaching a stage where it will become difficult to reverse. Because of this, the challenge of a Libertarian Education is urgently necessary and represents a viable path for transformation. This becomes possible through understanding and justice as a source for change, which aims for a more just society.

Keywords: Tyranny; Democracy; Social Justice; Libertarian Education;

INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo, mais injusta ficou a sociedade, há menos compreensão. O poder e o dinheiro geram cada vez mais ganâncias e interesses, que provocaram e provocam guerras, disputas, violências. A esperança encontra-se na educação, que com a Educação Libertária se torna caminho mais viável para mudar esse quadro atual.

As relações entre pais e filhos e professores e alunos estão cada vez mais superficiais. E é possível culpar o sistema, devido os estímulos que ele oferece através da mídia. Tragédias, injustiças, muita falta de compreensão, as não tolerâncias com a diversidade cultural são mostradas diariamente por TVs, rádios e internet. Além disso, os jogos virtuais, programas inadequados e violentos, sites de relacionamento estão ocupando o lugar no "ranking" da preferência entre os jovens e isso faz com que os estudos, os ensinamentos dos professores sejam considerados desinteressantes, embora haja muito esforço dos docentes em transmitir uma aula diferenciada, prazerosa. Mas é muito difícil competir com tantos estímulos. Essa situação favorece a falta de compreensão, pois os pais, professores não compreendem esse jovem que, muitas vezes, é disperso, ansioso e desinteressado em investimentos no seu futuro, e este, por

sua vez, não compreende seus pais, achando-os chatos e sistemáticos. A relação entre ambos fica tensa e complicada.

O foco é viabilizar mudanças significativas a partir de uma Educação Libertária. As injustiças, as violências só podem ser superadas através do diálogo, favorecendo assim, uma conscientização do ser humano e a partir disso começar as melhorias.

Torna-se necessário obter cautela com o termo "educação", já que a educação pela educação, ou seja, descomprometida, repressora não contribui para o desenvolvimento da sociedade. Não desencadeia o diálogo livre, a autonomia, e nem diminui injustiças. E Conforme o pensamento de GIROUX (1998, p. 33), que aponta que os professores: "(...) atentem seriamente para a necessidade de dar aos alunos voz ativa em suas experiências de aprendizagem (...)", fica explícito a necessidade de compreender o sentido real desse termo.

Essa distorção do que é "educação" e como desenvolve-la, como praticá-la, apresenta como justificativa para os objetivos nesse artigo científico.

Dentro desses aspectos é importante considerar os pensamentos de Paulo Freire, um educador que conseguiu assimilar a perspectiva libertária da educação.

Sua ideologia possui embasamento no ser humano, pois sua pedagogia não se fundamenta em algo meramente teórico. Ele considera o ser humano como uma descoberta, algo a ser estudado e compreendido. Freire é contra o pensamento repressor, crítico à educação tradicional, esta que apenas prejudica o desenvolvimento do educando.

Ele acha que é preciso combate-la. E conforme aponta GIROUX (1998, p. 26), para romper com os modelos tradicionais:

(...) há necessidade de romper com a visão de que o conhecimento escolar é objetivo, como algo a ser simplesmente transmitido aos estudantes. E sim que o conhecimento é uma representação particular da cultura dominante (...).

Para contribuir é necessário considerar as pedagogias (do oprimido, da indignação, da pergunta, da autonomia, da esperança) e a partir delas defender a educação como prática de favorecer a justiça e a compreensão.

INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA

Esses são os dizeres de FREIRE, PAULO (2000 p. 67), "(...) não é possível refazer este País, democratizá-lo, humanizá-lo, torna-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor (...)". Indignado com o crime violento de adolescentes contra índio pataxó. São situações que gera revolta e desapontamento, já que mostra a injustiça denunciando a importância da luta por uma mudança significativa em nossa sociedade.

Ele soube, apesar de sua explícita indignação, alimentar a esperança de acreditar que um país tem condições de ser "re-construído". Esperança essa que deveria ser cultivada e almejada por todos os brasileiros a fim de buscar melhorias em comum, não permitir que as decepções enfraqueçam as reflexões, o desejo de mudança, pois só a partir deles que será possível uma transformação positiva, assim como complementa FREIRE, PAULO (2000 p. 49),

Estas cartas pedagógicas (e os outros escritos) expressam mais um momento da luta em que me empenho como educador, portanto como político também, com raiva, com esperança, em favor do sonho de um Brasil mais justo.

A educação também é um ato político, que considera as injustiças, esses dizeres revelam a importância do papel do educador que deve extrapolar o caderno e os livros, por ser um formador de opinião, esse papel deve favorecer a aproximação e compreensão.

E em parceria (professores e alunos) promoverão a justiça social que contemplará todos os ambientes do aluno, não apenas na escola, mas sim extraescolar, levando-o a seu consciente desenvolvimento dos valores morais.

Esse desafio precisa ser visto de forma esperançosa, mas também realista e com uma visão ampla.

Em "A Pedagogia da Indignação" Freire revela o motivo que o levou a não participar da comemoração aos 500 anos do descobrimento do Brasil (abril de 1992). Suas palavras revelam como o homem branco, aparentemente civilizado, invadiu brutalmente as terras que os índios habitavam. Para ele FREIRE, PAULO (2000, p.74), no entanto, o correto seria, "(...) homenagear a coragem, a rebeldia, a decisão de brigar, a bravura, a capacidade de lutar contra o invasor; a paixão pela liber-

dade (...)". É importante ressaltar que a briga e bravura mencionada por Freire, não se trata de força e luta física, mas sim de uma luta "espiritual". É a luta para a revolução contra aqueles aparentemente civilizados, mas que não foram conscientizados pela educação. Infelizmente, muitas pessoas possuem boa aparência, muitos bens materiais, no entanto não possuem valores, bons princípios. Diversas vezes pais e até mesmo a mídia, a atual cultura de massa, influenciam o ser humano desde o início de sua formação a valorizarem mais as características externas, que as internas. Essa má formação pode gerar, na fase adulta ou adolescente, uma revolta quando suas vontades não forem atendidas. Um dos princípios para alterações desse atual quadro são a crítica e a indignação, acompanhadas de uma "boa dose" de reflexão que servem como base para posteriores transformações.

E segundo FREIRE, PAULO (2000, p.81), Uma das questões centrais com que temos que lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo.

A indignação, no entanto, é algo positivo, pois ela, junto com a crítica, vista por um olhar otimista e prático, não apenas teórico, funcionam como estímulo para proporcionar cidadãos críticos, que possuem sentimentos de pertencer e que lutam por melhorias significativas.

O ENSINO TRADICIONAL

O ensino tradicional, considerado ainda eficiente, demonstra muitas limitações que prejudicam o desenvolvimento do educando. Esse tipo de ensino prioriza a memorização dos conteúdos, não proporcionando um raciocínio.

O ensino é ministrado de forma sistematizada, onde o professor é o único detentor de poder e sabedoria. A participação do aluno é comprometida e isso o faz ter apenas a função de receptor de conteúdos, tendo como principal foco a capacitação para a série seguinte.

Falta cooperação, atitude de reconhecer o aluno como sujeito do processo de aprendizagem, respeitá-lo como um ser capaz e também observá-lo, mas não a observação coletiva que é, muitas vezes, usada apenas para julgar e rotular os alunos, a sala de aula, a escola. Mas uma que auxilie o professor a acompanhar o desenvolvimento, a fim de identificar as dificuldades, as limitações que auxiliarão na elaboração de intervenções necessárias. E segundo MELCHIOR (1994, p. 76), "observar é um mecanismo natural, através do qual o indivíduo fica informado sobre o seu contexto, para ele melhor situar-se".

Além dos professores, vários gestores também alimentam o ensino tradicional, demonstrando possuir um conceito de aprendizagem ineficiente. Conceito esse que vem se intensificando ao longo das mudanças na experiência histórica brasileira, havendo pouca evolução, como mostra algumas fases que houve: a fase contábil, em que era tudo contabilizado e os trabalhadores eram vistos sob o ângulo contábil; a fase legal, que surgiu o chefe de pessoal e a prioridade era o cumprimento das leis trabalhistas; a fase tecnicista, que surgiu a figura do gerente de relações industriais e vários avanços; a fase sindicalista, fase na qual as responsabilidades passam de burocráticas para humanistas. A última fase foi à estratégica, fase em que as empresas passaram a se preocupar mais com os funcionários. Essas fases facilitam a visualização da preocupação com o ser e torna nítido o desenvolvimento com o passar do tempo.

Essa evolução serve de exemplo para que vários gestores percebam que é necessário visar às questões pedagógicas, É preciso que haja acompanhamento e verificação da aprendizagem dos alunos e condições para o exercício de uma autonomia real. O gestor que se dedica apenas para questões burocráticas sustenta a má formação do educando, comprometendo o bom andamento do desenvolvimento de sua escola.

É importante que gestores e professores proporcionem uma aprendizagem significativa, em que os alunos participem, sejam desafiados e motivados a pensar.

O educador passa a ser um mediador que considera o conhecimento do aluno, sua realidade e o faz obter autoestima e confiança em seu potencial.

Esse tipo de profissional se torna necessário para a atual realidade, para ensinar, cativar de forma significativa para alunos que, muitas vezes, são ou se tornam desmotivados e dispersos. E segundo FREIRE, PAULO (1996,

p.63),

(...) o educador que 'castra' a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica.

E o oposto dessa educação que Freire critica encontra-se na Educação Libertária.

A TRANSFORMAÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA E DOS MÉTODOS DE PAULO FREIRE

Faz-se necessária a "adoção" da Educação Libertária como caminho de libertação. Libertação esta que se torna prioridade nos dias de hoje em que a violência só aumenta. Os valores não são cultivados e os professores estão perdendo o controle de suas metodologias, pois todas as formas, historicamente consideradas eficientes, estão sendo julgadas, revelando a ineficiência do método tradicional, que cada vez mais ajuda a lotar as listas de evadidos das escolas.

A conscientização da situação não partirá de alunos, embora seja o desejo de vários educadores. Ela partirá do próprio educador que conforme GIROUX (1999, p. 29),

(...) os professores precisam desenvolver um discurso e conjunto de suposições que lhes permita atuarem mais especificamente como intelectuais transformadores em que combinarão reflexão e ação.

Em busca disso, a Educação Libertária é mais que uma informação, ou apenas teoria que pouco se vê na prática. Usá-la somente como conteúdo programático em capacitação de docentes, ou limitado exclusivamente para fazer parte do currículo dos cursos superiores de licenciatura é um "desperdício", porque ela traz em seu bojo o conceito de transformação e possui a vantagem imbatível de não excluir alunos, de não proporcionar o separatismo social. E para conseguir aplicar esse tipo de educação, é interessante o conhecimento profundo de sua base e também de "modelos", ou seja, "bons exemplos" para seguir.

Um bom exemplo de educador foi Paulo Freire, pois ele não se limitava em apenas respeitar as diferenças dos alunos. Ele utilizava métodos incríveis que obtiveram ótimos resultados. Um deles foi o método de alfabetização com o uso de palavras geradoras. Essas palavras eram palavras destacadas a partir de uma roda de conversa com os alunos. Essas rodas de conversas eram informais e o aluno tinha a oportunidade de se expressar, transmitir suas opiniões, seus anseios e expectativas.

Desse diálogo era escolhida uma palavra, a geradora, que não só serviria como ponto de partida para a classificação semântica, como também para o início de novas aprendizagens. Esse método mostrou-se muito eficiente, por permitir que os alunos se expressem, já que, muitas vezes, não possuem essa abertura na própria residência. E também por iniciar o ensino com uma palavra advinda dos alunos, ou seja, do cotidiano deles, proporcionando um interesse maior pelo conteúdo a ser assimilado.

Métodos como esses podem ser desenvolvidos pelos profissionais da educação sem preocupação com obstáculos, pois o mesmo não necessita de recursos financeiros para ser efetuado, mas sim de abertura, da vontade de transformação de quem irá aplicar.

Esse e outros exemplos existentes mostram que a Educação Libertária propõe a transformação do processo de ensino, fazendo com que o educando faça parte desse processo junto ao educador, fazendo desse um facilitador da aprendizagem.

MEIOS PARA PRATICAR A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

Faz-se necessário praticar a Educação Libertária, sendo que um bom início para esse objetivo é analisar e praticar caminhos viáveis. Exemplos desses caminhos são os de Freire, uma das mais influentes personalidades do século XX, que propôs modos mais coerentes e possíveis para uma prática libertadora. Essas são suas pedagogias: a da Esperança, da Autonomia, da Pergunta, da Indignação, do Oprimido. Suas pedagogias podem ser entendidas como uma crítica aos que pune e modela o aluno conforme as intenções do sistema. E também podem ser interpretadas da seguinte forma: há esperança de autonomia, esta que gera questionamentos e indignação da condição do oprimido, ou seja, do aluno que é vítima do modelo educacional.

PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

A Pedagogia da Esperança denuncia

o autoritarismo, aqueles que creem serem os detentores do poder e utilizam dele para se beneficiar. Muitas vezes constrangem os demais, pois acham que classificar as pessoas através da hierarquia é a forma mais coerente de agir.

Essa pedagogia também revela o desapontamento diante daqueles que poderiam contribuir, seja com ações, ou até mesmo com suas reflexões, no entanto nada fazem. O percentual de pessoas nessa condição na sociedade é, infelizmente, bem considerável.

E ao mesmo tempo, ela incentiva aqueles que favorecem o diálogo, diminuem as diferenças e combatem às injustiças.

Esse tipo de pedagogia deve ser explorado, estimulada dentro e fora do ambiente escolar, já que a esperança é necessária para a luta da existência humana e sem ela se torna impossível sequer começar um embate que proporcione bons resultados.

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

A autonomia é uma característica fundamental do ser humano, significa ter liberdade de optar, de argumentar e segundo: FREIRE, PAULO (1996 p. 58), "educar é construir, é educar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades e não de determinismo". Embora seja extremamente importante esclarecer que essa "autonomia" não dispensa o papel fundamental do educador, este que age como mediador, auxiliando o aluno e ensinando-o a aprender como aprender, já que muitos estão voltados à aprendizagem mecânica. Essa autoaprendizagem se faz através de um processo que deve ser incentivado e acompanhado.

Esse tipo de pedagogia não deve ser cultivado apenas na escola, mas também em todos os campos da vida, conforme: FREIRE, PAULO (1996, p. 123), "educação como intervenção na história: no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, a terra, à educação, à saúde (...)".

A autonomia tem que ser motivada desde o princípio da formação do educando, para aprender a lutar pelos seus direitos, mas estando ciente de seus deveres.

É importante também aprender a expressar suas opiniões. Essas características que foram citadas são desenvolvidas através dessa pedagogia.

PEDAGOGIA DA PERGUNTA

A Pedagogia da Pergunta incentiva uma postura crítica, na qual o educador precisa transmitir ao aluno e também assumir para si mesmo, já que através dela é possível manifestar inquietações com o objetivo de esclarecer algumas questões.

Há o livro: "Pedagogia da Pergunta" que relata a visita de Paulo Freire à Manágua, em novembro de 1979. Conforme o comentário FAUNDEZ e FREIRE (1985 p.84), "(...) a Revolução em Nicarágua era uma Revolução possível porque trazia sonhos junto ao não medo de perguntar, de questionar, de descobrir, de criar e recriar".

PEDAGOGIA DA INDIGNAÇÃO

Essa pedagogia proporciona uma posição crítica, mas não uma crítica sem fundamento, que apenas tem seu fim em si mesmo. E sim uma crítica que visa alertar denunciando os motivos das indignações, para que haja melhorias para o futuro.

A indignação é um caminho para a mudança, porque se o ser humano não houvesse se indignado e por conta de isso ter elaborado formas de melhorar, a sociedade não iria ter evoluído tanto. Segundo NOGUEIRA, HÉLVIO (2010, p. 51),

Para emancipar um indivíduo, seria necessária, desde a infância, a vontade de conhecer a origem da injustiça social para que, com seu conhecimento, possa combate-la.

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

A Pedagogia do Oprimido é uma crítica ao sistema dominante, é um grito a favor de uma sociedade liberta da relação de opressão, muitas vezes imposta de forma camuflada pelo sistema capitalista. Sendo assim, faz-se necessário o papel fundamental da educação que dará espaço, voz às vítimas.

Esse conceito de espaço tem que ser refletido, já que diversas vezes não há abertura para participação ativa, revelando assim uma escola com um ambiente não favorável à eliminação da opressão, das desigualdades que causam um real e imenso quadro de exclusão social. Exclusão essa que ainda existe

numa população caracterizada “democrática”.

Considerando essa situação nas quatro paredes da sala de aula, fica claro a necessidade de o professor agir como um facilitador, que proporciona que o oprimido tome consciência de sua situação para buscar sua liberdade bem como a de seu opressor. Essa pedagogia se opõe ao autoritarismo.

A JUSTIÇA E A COMPREENSÃO COMO MEIOS DE LIBERTAÇÃO

São imprescindíveis a justiça e a compreensão para o surgimento da libertação. Sem compreensão, diálogo é impossível ocorrer algum tipo de libertação.

Faz-se necessário comentar que a libertação, aqui comentada, não se trata da liberdade exacerbada, em que a criança não possui limites: FREIRE, PAULO (2000 p. 29), “A mim de dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a ‘tirania da liberdade’ em que as crianças podem tudo”. Assim como demonstra Freire, essa situação é bem preocupante, já que a “tirania da liberdade” não se importa com valores, não há compreensão, muito menos justiça. Há apenas “as vontades” ilimitadas de uma criança que foi incentivada a ser egoísta, pois não aprendeu a dialogar e sim a mandar, não obteve autonomia coerente que deve ser transmitida, mas sim a achar que todos seus desejos devem ser atendidos. E que não há proibições, tudo é possível.

A libertação adequada, ou seja, aquela que não visa uma criança sem limites, deve ser iniciada na família e na escola, com professores preparados para transmiti-la e conforme FREIRE, PAULO (1996 p.18), “(...) deve coincidir com sua retidão ética”.

A libertação também depende, ou seja, também necessita de um ato de amor e segundo FREIRE, PAULO (2000 p.104), “A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Esse amor é necessário para, de fato, educar e libertar a criança a caminho de uma boa formação.

Esse amor, o relacionamento da criança com os familiares e com seus professores irá estabelecer abertura para a libertação, pois por mais que o atual mundo globalizado aparenta valorizar mais a tecnologia e a estética, deixando de lado as questões morais, é nítida a necessidade de atenção, de ser compreendido que o ser humano possui.

A justiça e a compreensão são os melhores caminhos para a libertação.

A compreensão como método que favorece um entendimento, uma visão ampla do outro, diminuindo as diferenças. E a justiça como valores para minimizar o quadro agressivo e injusto que é perceptível na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o mundo passa por uma fase em que os valores, a autonomia, a compreensão e a justiça não são princípios significativos na formação do ser humano e que o Brasil está num processo de opressão, onde a desumanização, a violência está cada vez mais ganhando força.

No âmbito escolar educadores e educandos comportam-se como desconhecidos. O aluno, na maioria das vezes, sai da escola sem levar conhecimentos significativos e efetivos de aprendizagem, pois muitos são submetidos a metodologias que visam à memorização mecânica de conteúdos historicamente sistematizados, prejudicando o rendimento escolar. Esse tipo de metodologia distância o aluno, que, aliás, é o sujeito da aprendizagem, de conquistar a “libertação” necessária.

Uma importante proposta para a “libertação” deve conter exemplos como o de Paulo Freire, que obteve suas teorias, suas pedagogias, seus conceitos experimentados e os mesmos superaram as expectativas.

Outros fatores importantes são justiça e compreensão como caminho para viabilizar uma educação libertária efetiva proporcionando, assim, transformações na sociedade.

REFERÊNCIAS

CANEN, Ana. “Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio” IN: Alice Casimiro Lopes e Elisabeth Macedo (Orgs.), Currículo: debates contemporâneos, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005 (Série Cultura, Memória e Currículo, V.2).

FAUNDEZ, Antônio; FREIRE, Paulo. Por uma Pedagogia da Pergunta. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. Cartas a Guines-Bissau. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
FREIRE, Paulo. O Que é o Método. Brasiliense: São Paulo, 1996.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação. 1 ed. Unesp: São Paulo, 2000.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 11 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
GIROUX, Henry A. Cruzando as fronteiras do discurso educacional – Novas políticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
GIROUX, Henry. A escola crítica e a política cultural. Trad. Dagmar M.L. Zibas. São Paulo: Cortez, 1988.
MECHIOR, Maria Celina. Avaliação pedagógica: função e necessidade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. (Série Novas Perspectivas)
NOGUEIRA, Hélvio. História do Pensamento Pedagógico. São Paulo: Uninove, 2010.